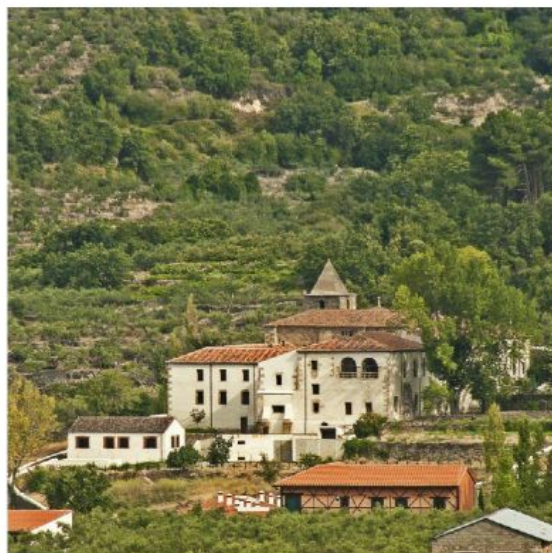


CRITÉRIOS
PARA
ORIENTAL
A
ORTOGRAFIA
DA LÍNGUA
DO
VAL DE XÁLIMA



Antonio Corredera Plaza
Eduardo Sanches Maragoto
José Luis Martín Galindo

ÍNDICE

1. INTRODUCIÃO

2. CRITÉRIOS NORMATIVOS

2. 1. Solidariedade com o português
2. 2. Reconhecimento da diversidade linguística dos três lugares do val de Xálima
2. 3. Estremenhidade

3. AS OPCIÕES MAIS REPRESENTATIVAS

3. 1. A ortografia
3. 2. *d* intervocálico
3. 3. Queida do *z* final
3. 4. *r, l* finais de sílaba
3. 5. Semivocal antes de palatal
3. 6. Representação das vogais *e, o* na posição átona
3. 7. Nasais implosivas
3. 8. Consoantes sonoras



1. INTRODUCIÃO

Apesar de que ñ todos os falantes das Elhas, Sã Martim de Trebelho e Valverde do Fresno defendem ña normativa unitária para os três lugares, sendo reticentes a que poda leval consigo um empobrecimento da riqueza dialetal, os autores desta proposta pensamos que a necesidai de uns critérios orientadores da escritura é cada vé mais reclamá por as pessoas que de ña forma ou outra venem escrevindo na “fala” ou língua de Xálima nos últimos tempos. A irrupciõ das telecomunicaciõs e a apariçiõ da Internet hã acentuau inda mais esta necesidai, já que as que asta fai poico unicamente eram ñas falas locais, devem cumpril agora novas funciõs comunicativas, relacionando, por exemplo na rede, os usuários deste val.

Sendo cada vé mais consensual a necesidai de ña normativa, o que ño é tanto é quais hã de sel as fundaciõs em que se assente a proposta ortográfica. Para uns, sobretudo filólogos galegos, a base devem sel as *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego* (1982), oficiais na Comunidai Autónoma de Galicia. Para outros, ña norma para a língua de Xálima ño precisa de tel em conta critérios normativos alheos, e pode elaboral-se partindo de zero. Em qualquer caso, ambas propostas compartem, na prática, que o modelo ortográfico que se deve seguirl é o do castelhano, já que esta é a ortografia que melhor conhecem os “falantes”.

A terceira proposta é a nossa, que se opõ às anteriores precisamente em relaciõ à ortografia. Do nosso ponto de vista, a língua dos três lugares do val de Xálima é conformá por um conjunto de três “falas” que formam parte do sistema galego-portugués e devem sel solidárias com a tradiçiõ gráfica do romance mais ocidental da Península ibérica. Essa tradiçiõ gráfica é a que continuou a cultival o portugués, quando as outras duas ramas do galaico-portugués (o galego, por um lado, e a fala do val de Xálima, por outro) quedaram na órbita política de Castilha. É verdai que em 1982 o galego oficial adota a ortografia espanhola, pero mutos galegos usam ñas normas alternativas que se inspiram no modelo do portugués.

Por outro lado, na nossa opiniõ, qualquer política linguística aplicada no val de Xálima deve passal por a introduçiõ do portugués na educaciõ como língua estrangeira obrigatória. Ño procedel desta forma seria desproveital a enorme primazia que os “falantes” tenem, em relaciõ ao resto dos estremenhos, para aprendel esta língua com projeçiõ internacional e significaria renuncial também ao reforço linguístico das falas através da língua do estado vizinho, que conta com ferramentas às quais seria injusto fazel renuncial aos habitantes do val. A asociaciõ A Nosa Fala, cooperando com as autoridais municipais, com a Universidai, a Junta estremenha e com organismos portugueses como o Instituto Camões deveria portanto trabalhal eficazmente nesta direçiõ.



2. CRITÉRIOS NORMATIVOS

Qualquer proposta normativa deve contar com princípios inspiradores suficientemente claros para que os usuários da língua possam aplicá-los o mais autonomamente possível, sem necessidade de ter que utilizar o auxílio de várias ferramentas linguísticas. Estas pautas não devem multiplicar-se sem necessidade e devem assentar-se numa estrutura de fácil compreensão para pessoas sem formação filológica. A medida que aprofundamos nesta normativa, diremos fazendo referência a três critérios que justificam as nossas preferências, que são, em ordem de importância:

- 2.1. A solidariedade com o galaico-português, especialmente com o português moderno, oficial em oito países.
- 2.2. Reconhecimento da diversidade linguística dos três lugares do val de Xálima.
- 2.3. A estreteza.

2.1. Convergência com o português. A fala do val de Xálima é uma variedade do galego-português e como tal deve ser solidária com as outras variedades desta língua histórica, especialmente com o português vizinho. Esta solidariedade, fundamental para que a nossa fala se reconheça nas suas raízes e assegure o seu futuro como língua de comunicação universal, repercutirá na inspiração convergente da sua ortografia ali onde esta possa dar ao encontro do português.

Exemplo: o *-o* final de palavra, assina como o átono (*carro, cotovia*), tem igual pronúncia em português que na fala de Xálima (*carr[u], c[u]t[u]via*), por isso se deve escrever igual: *carro, cotovia* (se bem a pronúncia correta unicamente pode ser *carr[u], c[u]t[u]via*).

2.2. Reconhecimento da diversidade linguística dos três lugares do val de Xálima. A forma escrita desta língua no val de Xálima deve procurar as suas raízes nas falas dos três lugares quando as palavras que se pretendem representar graficamente existam nas mesmas, isto é, quando sejam patrimoniais. Caso estas formas patrimoniais sejam diferentes em cada um dos três lugares, se deve procurar sempre que seja possível uma forma comum supradialetal que supere as fronteiras linguísticas dos três municípios, mas isto nunca deve implicar a postergação das formas linguísticas legítimas (não castelhanizadas) dos outros lugares, que em qualquer caso devem ser reconhecidas como válidas. Com este objetivo, o trabalho normativo que temos nas mãos teve em conta o seguinte:

- a) *Priorizar as formas fonológicas e morfológicas tradicionais e históricas sobre as modernas (normalmente convergentes com o castelhano), sempre que sobrevivam, inclusive sendo minoritárias, nas*

*peessoas maiores ou nalgum dos três lugares: **esteja** melhor que **esté**; **Sã Brás** melhor que **Sã Blas**; distincião sordas-sonoras como **pressa/presa**; etc.*

Mais exemplos:

***Asa/assa** conservam a distincião de pronunciaciões [‘aza]/[‘asa] em lagarteiro e manhego (e nõ em valverdeiro), pero na grafia deve estar reconhecida a pronunciacião histórica, distinguindo –s– de –ss–.*

*As peessoas mais velhas de Valverde conservam a forma histórica **esteja**, já desaparecia entre manhegos e lagarteiros, mas deve sel promovida na escritura.*

***b) Priorizar as formas fonológicas e morfológicas convergentes com o resto de dialetos galego-portugueses:** distincião sordas-sonoras; **a ponte** em vé de **o ponte**; **uns** em vé de **ũos**; etc.*

Mais exemplos:

***Abaixo.** Hoje em dia, ao lado desta forma, existem no val de Xálima as formas **abaxo**, **abaisu** e **aba[x]o**. **Abaxo** coincide com mutos dialetos portugueses e **aba[x]o** com o espanhol. Pero tanto a documentacião histórica como os modernos *standards* galego e portugués usam **abaixo**, de maneira que temos claro que se trata da forma mais genuína e deve sel preferida para a escritura.*

***Pessoa.** Hoje em dia, ao lado desta forma, existe no val de Xálima a forma **persoa**. **Pessoa** coincide com o portugués e **persoa** parece castelhanismo ou cultismo. Tendo em conta qual é a forma mais diferente do castelhano e qual é a usada inda hoje em dia em portugués, a forma histórica **pessoa** deve sel preferida para a escritura.*

*Ora bem, priorizar nõ quer dizel que as outras formas devam sel proibidas. **Persoa**, **ũos** e **abaxo** sã parte da língua dos três lugares do val de Xálima como qualquer outra palavra que os habitantes deste val utilizem, e tenem toda a legitimidade para sel escritas.*

***c) Reconhecer as características fonológicas e morfológicas de todos os dialetos se estas sã as tradicionais, isto é, se nõ se trata de castelhanismos.** Para isso poderemos usar ãa forma que recolha as diferentes formas dos três lugares (p. ex. **irmã** pode lel-se **ir[‘ma]** ou **ir[‘mãŋ]**) ou admitil todas as variantes (**maire/madre**; **cantaram/cantórim**):*

Mais exemplos:

***Coraçõs:** forma que engloba as diferentes pronunciaciões na fala: **cora[‘θo]s** e **cora[θõŋ]s**.*

Médico / meico / meco: sendo a primeira a histórica, nenhũa das formas é castelhanismo; entonces, sã admitias as três, já que por outro lado sã pronunciaçõs emblemáticas de cada localidai para esta palavra.

d) Reconhocel as características lexicais de cada dialeto em qualquer caso:

Exemplo: **axim** (pl. **axins**, **axis**) e **pimentos** sã formas legítimas de diferentes variedais locais e todas sã legítimas na escritura e na fala.

2.3. Estremenhidai. Os principais traços distintivos do galego-portugués do val de Xálima em relaçã ao portugués moderno guardam relaçã com o passau compartiu que os “falantes” tenem com os restantes habitantes de Estremadura. Estes traços devem sel admitius na ortografia, porque frequentemente sã um emblema das suas falas para o conjunto dos falantes dos três lugares do val de Xálima.

Exemplo: o **-r** etimológico final de mutas palavras (*comer*), pronunciau como ele (*come[l]*), é um traço lingüístico que os “falantes” compartem com outras falas populares estremenhas, por isso deve sel obrigatório na fala e promoveu na escritura na posiçã final, a única onde é sistemático, sobretudo nos infinitivos: *comel* (pero a forma etimológica – *comer* – tamém será considerá correta).

Para o caso das palavras ñ patrimoniais, cultismos de introduciã recente sem tradiçã de uso neste val, aplicaremos sempre que sea possible o critério **2.1**). Isto abarca todos os termos que foi introduzindo o mercau nas últimas décadas, especialmente no campo tecnológico. Recomendamos que palavras como **chave de fendas** (“destornillador”) ou **computadol/computador** (“ordenador”) seam introduzidas a partil do portugués, ou por o menos té-las em conta no momento de elaboral glossários e dicionários de uso. O constante recurso às adaptaciõs que o castelhano fai do inglês ou de outras línguas pode comprometer o futuro desta língua no val de Xálima.



3. AS OPCIÕES MAIS REPRESENTATIVAS

3.1 A ortografia. Se trata da opção mais determinante, porque inclina a consideração desta variedade como galaico-portuguesa ou como castelhana. A vestimenta de ãa língua é a que primeiro se vê e a que faz que os seis falantes identifiquem ou não outras variedades como próximas e les reconheçam ãa história comum. Isto leva-mos a inclinar-mos por a utilização da ortografia portuguesa ali onde sea possível aplicá-la (ausência de *y* e de diérese sobre *ü* em palavras tradicionais; adoção de *nh*, *lh* e *m* final; modelo para o uso de *h*, *g/j/x*, *z/c/ç*, *s/ss*).

Estamos convencidos de que esta solução não é a mais fácil a breve prazo, mas sim a melhor para os falantes da língua do val de Xálima a médio prazo, porque o seu património estará reforçado por recursos linguísticos e culturais de todo o tipo que le darão projeção. A modo de exemplo, palavras desta língua como *carvalho*, *poupa*, *madronheira* ou *pessoa* figurarão em dicionários; a conjugação de verbos como *frigil* ou *dizel* e a ortografia dos numerais aparecerão em gramáticas e as pessoas poderão partilhar o seu património linguístico com mais de duzentos milhões de pessoas. Por outro lado, a convergência ortográfica com o português, que já se ensina nos centros da comunidade autónoma, facilitará que os seis habitantes a considerem ãa língua útil, ponte para adquirir um idioma de grande projeção internacional e de outros que partilhem com ela a origem latina.

3.2 *d* intervocálico: A frequente desaparecimento do [ð] intervocálico, junto com a lateralização do *-r* final, forma parte dos traços que identificam o galego-português dos três lugares (Elhas, São Martinho de Trebelho e Valverde do Fresno) como ãa variedade linguística estreitamente emparentada com o castelhano meridional. Se trata da tendência muito marcada à desaparecimento do *-d-* entre vogais, mais acentuada nas localidades que noutras. Por exemplo, na palavra *dizel* é comum que desapareça no início de palavra em manhego e lagarteiro (*izel*), mas não em valverdeiro (*dizel*). No interior de palavra, a desaparecimento é sistemática em todas as localidades em certas terminações (*medidas* > *medias*), mais esporádica fora dessas terminações (*necessidade* > *necessidai*, *necessiai*) e não aparece nunca em palavras modernas (*considerar*) ou após de ditongo (*soide*).

Resumindo, em Valverde do Fresno esta consoante não cai praticamente nunca fora das terminações finais (*médico*, *cantau*), mas nos outros lugares o fenómeno é bastante comum, tanto nas terminações como fora delas (*médico* > *meico/meco*, *cantau*). Não obstante, certas palavras patrimoniais não se viram afetadas por a perda do [ð] (*soide*, *ademais*). Essa assistemática também se observa nos verbos, onde certas formas verbais podem perder o *-d-* e outras do mesmo verbo não ãa mesma localidade: *poi*, *podia*...

Do nosso ponto de vista, este traço emblemático da língua dos três lugares do val de Xálima deve ser tido em conta na escrita, mas a sua assistemática aconselha a limitá-lo aos contextos que explicamos a continuação. Começamos por esquematizar quando se dá a queda do *-d-* nas falas destes três lugares:

Queida sistemática do -d-...	
Na fala do val de Xálima	
Nas terminaciões -ado/a(s), -edo/a(s), -ido/a(s), -odo/a(s), -udo/a(s)	<i>Cá, adequá, lau, relacionaus, prau, medias, comia, despovoá, tó, prau, havia siu, niu, barbu</i> Em certas palavras a queida ñ é sistemática em todas as pessoas que “falam” (<i>vida/via</i>), especialmente quando estão vinculadas a usos mais formais da língua (<i>modo/mou</i>).
Nas terminaciões -ade e -ode	<i>Metai, curiosidai/curiosidais, realidai, calamidai, conformidai, cidai, cantidai, poi (poder)</i>
Unicamente nas Elhas e S. Martim	
Fora das terminaciões anteriores	<i>Curiosiai, calamiai, conformiai, ciai, cantiai...</i> <i>maeira-meira</i> (Valverde: <i>madeira</i>) <i>meio (substantivo)</i> <i>meico-meco</i> (Valverde: <i>médico</i>) <i>ciai</i> (topónimo; cfr. <i>cidai</i>) <i>feiondo</i> (Valverde: <i>fediondo</i>)
Conservacião ou queida assistemática do -d-	
Depois de ditongo	<i>Soide, queida</i>
Na terminacião -ede	<i>Rede, sede</i>
Na conjugacião verbal (exceto <i>poi</i>)	<i>Quedí, quedaram, podemos</i> (lagarteiro e manhego: <i>poemos</i>) <i>podiam, poderiam, podeis, pudo, pediu</i>
Qualquer outro -d- intervocálico etimológico, especialmente de palavras ñ patrimoniais, apesar de que nalgum caso ñ se pronuncie.	<i>Modernos, consideramos, edificio, concedel, residéncia, redimir, aduzir, período, medievais, idea, ademais, edai</i>

Na nossa opinião, unicamente se dão condiçõs para consideral obrigatória a representacião da queida do **-d-** na escritura no caso da terminacião **-ade** (*metai*), porque ela tem consequências morfológicas que particularizam esta fala em relaçãõ às falas meridionais espanholas deviu à existênciã de ãa vocal final inexistente em castelhano (gal.-port. *cidade* / Xal. *cidai-ciai* / cast. *ciudad*). De todas as formas, deve tel-se em conta que em certos casos *poi* ñ produzil-se este fenómeno (por exemplo no apeliu *Frade*).

As outras queidas sistemáticas (nas terminaciões *-ado*, *-ada*, etc.) realmente não caracterizam a língua do val de Xálima em relaçã a mutas falas do castelhano meridional, senõ que precisamente a vinculam a outros dialetos em que este traço não é representau graficamente. Por isso pensamos que, sendo admitias na escritura por tratat-se de ãas terminaciões emblemáticas para os *falantes*, não convém considerá-las obrigatórias, devendo limitat-se aos participios passaus (*partia*, *comiu...*). Fora destes participios aconselhamos o uso escrito do *d* (*válida*, *coincida...*).

Em relaçã à queida do <d> nos contextos e terminaciões restantes, será maioritariamente opcional, por exemplo no caso de certas formas lexicalizás ou sentias como própias no manhego ou no lagarteiro (*boiga*, *Ciai*, *meico-meco*).

Em sentido contrário, as desapareciões não sistemáticas devem sel descartás na escritura para evital ãa ortografia demasiado caótica. No seguinte quadro, explicamos o carácter obrigatório ou não das queidas que representaremos na escritura.

Representaçã da “queida” do -d-			
TERMINACIÃO ETIMOLÓGICA	QUEIDA OU PRESERVACIÃO DA TERMINACIÃO ETIMOLÓGICA		
	Preservacião	Queida obrigatória	Queida opcional
-ado/a(s) -edo/a(s) -ido/a(s) -odo/a(s) -udo/a(s)			<i>cantau, comiu, partiu, cá, adequá, lau, relacionaus, prau, medias, comia, despovoá, tó, prau, havia siu, niu, barbu</i> ou <i>cantado, comido, partido, cada, adequada, lado, relacionados, prado, medidas, comida, despovoada, todo, prado, havia sido, nido, barbudo</i>
-ade(s)		<i>metai, curiosidai/curiosida is, realidai, calamidai,</i>	

		<i>conformidai, cidai, cantidai</i>	
Queida do -d- fora das terminaciōs anteriores			<i>maeira-meira</i> (Valverde: <i>madeira</i>) <i>meio</i> (subst.) (Valverde: <i>médico</i>) <i>boiga</i> (Valverde/Elhas: <i>bodega</i>) <i>meico-meco</i> (Valverde: <i>médico</i>) <i>Ciai</i> (cfr. <i>cidai</i>) <i>feiondo</i> (Valv.: <i>fediondo</i>)
Depois de ditongo	<i>soide, queida</i>		
Terminaciō -ede	<i>rede, sede</i>		
A conjugaciō verbal, exceto certas formas verbais acomodables às regras anteriores: <i>poi/pode, cantau/cantado</i>	Deve evital-se a queida na escritura: <i>quedí, podiam, poderiam, coincide, coincido, podeis, pudo, pediu</i>		Pero é admissibile para represental as pronunciaciōs populares: <i>podemos</i> ou <i>poemos</i> (lagarteiro), <i>pode</i> ou <i>poi</i>
Qualquer outro -d- intervocálico etimológico, especialmente de palavras nō patrimoniais, apesar de que nalgum caso nō se pronucie.	<i>moderno, consideramos, dúvida, Mérida, edificio, concedel, residencia, redimir, aduzir, heredeiros, período, medievais, idea, ademais, edai, sedi</i> (manhego: [‘se])		

Sem com isso pretendel condicional os usos que escolha cada falante, neste trabalho representaremos a queida do **-d-** nada mais nas desinências de participio dos verbos (*-au, -á, -iu, -ia*) e na terminación *-ai*.

3.3. Queida do z final. Como em mutos outros dialetos ibéricos, o **-z** final cai no val de Xálima, mas nesta variedai galego-portuguesa isto acontece com ùa frequência e coerência que nō podem sel desconsiderás na escritura. Por isso,

aplicando o critério da estremenheidai, representaremos esta queida ao escritvil, sem deixal de consideral corretas as formas etimológicas, já que, entre outras razões, elas estã na base das formas de plural atuais.

Forma etimológica	Forma popular	Plural
Capaz	Capá	Capazes
Vez	Vé	Vezez
Voz	Vó	Vozez
Luz	Lu	Luzes

3.4. r, l finais de sílaba. A lateralizaciõ do *-r* implosivo é ãa característica que a fala comparte com outras falas meridionais espanholas. Se trata de um traço que nõ deve sel mui velho na língua, se consideramos que o futuro dos verbos continua com erre (*comer hei > comerei*). De qualquer modo, pensamos que poi represental-se na escritura em certos casos. Distinguiremos duas posiciõs: a final de sílaba interior de palavra e a final de palavra. Em relaciõ à primeira (erre final de sílaba no interior de palavra) usaremos a forma etimológica, já que a sua evoluciõ para */l/* nõ é sistemática (temos *esque[r]da* pero *co[r]po* e *co[l]po*), exceto naqueles casos de lexicalizaciõ evidente ou que podam ser sentius como emblemáticos (*frol*). Assina, escrevimos *corpo*, *esquerda*, *erva*, *barba*, *calções*, *falta*, *alto*, *orfandai*. Por o contrário, na posiciõ final, especialmente nos infinitivos, poderá escritvil-se *<-r>* ou *<-l>*: *adiel* ou *adier*; *cantal* ou *cantar*, pero devemos pronuncial sempre [l] (unicamente existe ãa excepciõ a esta regra: *por*, que nõ pode sel *pol*). Em qualquer caso, esta representaciõ será optativa e se limitará à posiciõ final, especialmente aos infinitivos verbais, a única em que se dá sistematicamente. Nesta posiciõ, nõs tamém desaconselhamos o uso naquelas palavras em que concorrem mais consoantes laterais implosivas (*cultivar*, *qualquer*).

3.5. Semivocal antes de palatal. Nalgũas falas dos três lugares, antes de consoante fricativa palatal se origina ãa vocal palatal [i] ou ãa semivocal [i̠] que, na nossa opiniõ, nõ devem sel representás na escritura ([i̠]ente: *gente*; Morale[i̠]a: *Moraleja*). Por duas razões: se trata de ãa inovaciõ antietimológica que nõ é comúm às tres localidais, já que em Valverde nõ ocorre em nenhum caso. Ademais, é ãa característica comum ao portugués, que tamém realiza [i̠] ante palatal (ve[i̠]o: *vejo*), pero nõ representa este fenómeno na escritura.

3.6. Representaciõ das vocais <e, o> na posiciõ átona. Na escritura das sílabas átonas devem sel utilizás as vocais etimológicas tal e como as conserva o portugués. A principal razõ para defendel isto é que a pronunciaciõ da fala coincide maioritariamente com o portugués falado moderno, que mantém a etimologia na escritura. Por isso, apesar de pronuncial-se [u]velha, c[u]nhoç[u], m[i̠]nin[u] ou leit[i], a escritura deve sel *ovelha*, *conhoço*, *menino* e *leite*. Dito de outra forma: os <o> e os <e> em posiciõ átona na língua do val de Xálima se

pronunciam [u] e [i] respetivamente. Em relaçã aos ditongos átonos que tenem por núcleo essas letras (*e*, *o*), tamém somos partidários de mantel a raiz da palavra na escritura; nõ obstante, a pronunciaçã correta deverá sel [i] e [ui] respetivamente (*leitinho*: l[i]tinho; *foicinha*: f[ui]cinha).

No que toca às vocais pós-tónicas, unicamente num caso, quando o escritor decida represental a queda do **-d-** intervocálico nas terminaciõs *-ado/a(s)*, *-edo/a(s)*, *-ido/a(s)*, *-odo/a(s)*, *-udo/a(s)*, *-ade(s)* e *-ode(s)*, transformando-se a vocal final em semivocal, deveremos representá-la como <-u> e como <-i>: *cautau*, *comiu*, *poi*.

Em relaçã aos ditongos **-ou-** e **-oi-**, eles devem consideral-se alternativos, como em português, pois no val de Xálima tenem idêntica pronunciaçã que nos países lusófonos e nõ tem lógica que nos diferenciemos ao escritil. Igual que no português comum, mutas palavras tenem duas pronunciaçõs ([o]tro/[oi]tro; s[o]to/s[oi]to), que se representam como <outro/oitro; souto/soito>. Em alguns casos, a primeira pronunciaçã quase desapareceu, tanto em português como no val de Xálima (unicamente temos *coisa*), pero noitros casos hoje em dia só temos a pronunciaçã com [o] (representada graficamente como <ou>: *poupa*). Nós pensamos que aquelas palavras que conservem o **-oi-** devem preservá-lo quando escrevimos, pero as que o perderam em todas ou em algũa localidai, isto é, as que o monotongaram igual que em português, devem escritil-se com <ou>: *ou*, *vou/voi*, *estou/estoi*, etc.

3.7. Nasais implosivas. O galego-portugués tem ãa larga tradiçã na representaciã das consoantes nasais e por isso consideramos que as soluciõs que habilite esta língua para representá-las nõ deve sel procurá fora da nossa área linguística. A nossa proposta é a utilizaciã do til nasal que usa o português nas vocais tónicas *-ã* e *-õ* no final de palavra (*catarã*, *pã*, *irmã*, *nõ*, *canciõ*) e o *-m* final em todos os outros casos:

a) vocais átonas: *chegórim*, *com*, *álbum*, *em*, *cantam*.

b) vocais tónicas: *adoquim*, *comum*, *tamém*

Esta soluciã resolve o problema das nasais velares e tamém o de algũas terminaciõs de plural que tenem diferentes pronunciaçõs em cada ãa das três localidais do val de Xálima. Assina, o plural de *irmã* ou de *canciõ* será *irmãs* e *canciõs*, com duas pronunciaçõs válidas: *ir*[‘mãs] / *ir*[‘mas] e *can*[‘θiõs] / *can*[‘θios].

Como explicaremos apois em detalhe, unicamente para represental as diversas formas do indefiniu feminino (*ũa*, *algũa*, *nenhũa*), tamém usaremos o til nasal.

3.8. Consoantes sonoras. Somos partidários de representá-las na escritura, aplicando o critério **2.2**). Contra o que tenem divulgau alguns autores, estas consoantes tenem valor fonológico na língua do val de Xálima, concretamente

nas localidades de São Martim e das Elhas. Traduziu para não filólogos, isto quer dizer que os seis falantes identificam o esse sonoro de *casa* e o esse sordo de *nossa* como “letras” diferentes, si bem por falta de tradição escrita não separam como representá-las. O mesmo acontece com a palatal de *caixa* e a de *beijo*. Ponhamos dois exemplos com pares linguísticos que não se distinguiriam (nas Elhas e S. Martim) se não fosse por as pronúncias das consoantes sonoras:

Consoantes	palatais	alveolares
Sonoras	Quei jo (derivado do leite)	Pres a (prisoneira)
Sordas	Quei xo (verbo queixar)	Pres s a (urgência)

A adição destes traços gráficos para escrever a fala, nome da língua nos três lugares do val de Xálima, conecta-nos com o português e com a maioria das línguas europeias ocidentais (com a exceção do castelhano), onde as letras <s>, <ss>, <z>, <ç>, <g>, <j> e <x> representam os mesmos fonemas que na nossa língua:

grafia (/fonema/)	a “fala”	português	catalã	francês	italiano	inglês
-ss- (/s/)	possible	possível	possible	possible	possibile	possible
-s- (/z/)	presente	presente	presente	présent	presente	present
z (/z/)	zona	zona	zona	zone	zona	zone
c/ç (/s/)	francés lecião	francês lição	francès llicó	français leçon	francese (lezione)	(french) (lesson)
x (/ʃ;//ks/)	deixar táxi	deixar táxi	deixar taxi	(laisser) taxi	(lasciare) taxi	(to let) taxi
g/j ([ʒ])	gente jamais	gente jamais	gent jamai	gens jamais	gente giammai	(people) (never)

